

## Dança: *design* em evolução

Carolina Camargo De Nadai  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
Graduada

Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (mestrado) – UFBA.  
Pesquisadora, bailarina e produtora. Graduada em dança pela Faculdade de Artes do Paraná.

### Resumo:

A presente pesquisa tem como objeto de estudo, as relações entre os processos: corpo e dança. A partir de referenciais da teoria evolucionista darwiniana e das ciências cognitivas, além dos estudos de imagem como informação – apresentados por Machado (2004) – o intuito é perceber que as relações do homem estão implicadas entre natureza e cultura. Estas teorias dão subsídios científicos, que sugerem discussões que também são do campo filosófico, como, por exemplo, a tão polêmica discussão em torno do dicotômico entendimento de corpo e mente.

**Palavras-chave:** dança, design, evolução, natureza, cultura

*“Como fluxos que são, as imagens não voltam atrás, seguem a flecha do tempo e se discretizam formando design nos corpos.”*

Adriana B. Machado<sup>1</sup>

Esta pesquisa permeia a idéia da dança como um *design* quanto às suas configurações e aos modos como o corpo, sempre em movimento, a constrói. Entendendo que o corpo é um resultado – sempre inacabado – de um processo que se faz no trânsito constante entre natureza e cultura, suas características inatas e adquiridas são estabelecidas de modo indissociável e ininterrupto. Esse jeito de existir e operar como corpo é uma ocorrência co-evolutiva.

A partir dos estudos de Katz (2007) acerca das co-relações corpo, *design* e evolução, pretende-se dizer que a ação de dançar também se desenha igualmente em relação ao seu contexto, produzindo assim, diferentes *designs* para diferentes danças. Na dança contemporânea, vêem-se danças contemporâneas, que se desenharam em função de cada proposta,

---

<sup>1</sup>Adriana B. Machado é Professora do Mestrado em Dança do PPGDANÇA da Universidade Federal da Bahia e vice-coordenadora do Programa de Pós Graduação em Dança. Tem experiência na área de Dança e Comunicação. É Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007).

de cada corpo que a realiza. A elaboração de questionamentos reflexivos sobre até que ponto somos resultados genéticos e até que ponto somos produtos de nossas experiências no ambiente em que vivemos é uma das problemáticas que se objetiva abordar nessa pesquisa.

Frequentes discussões que apresentam natureza X cultura, sugerem, diante da proposta da teoria evolutiva, que somos construídos por ambas, e, portanto, entende-se neste artigo, que o corpo é um *design* humano de trocas relacionais entre natureza e cultura.

Ao admitir que corpo e dança são processos, está implicada a compreensão de que ambos são construídos em constante movimento, que se transformam pelo movimento, a partir das relações decorrentes de suas organizações nos ambientes em que se encontram. Para Britto<sup>2</sup>, o próprio corpo é o ambiente da dança “no sentido de que seu *design* delineia possibilidades para interagirem as múltiplas informações inatas e adquiridas que nele transitam (BRITTO, 2002, p. 46-47)”.

A dança é uma arte que depende da ação corpórea para existir e se desenhar no espaço-tempo como tal. Os corpos, como imagens em composição, revelam suas configurações como acontecimentos e se transformam e se organizam constantemente (MACHADO, 2004). Estes resultados, estruturados num permanente fazer, apresentam-se sempre inconclusos, revelando os próprios *designs* (corpos). É importante enfatizar que a permanência aqui está sendo “pensada não como um acontecimento, mas como o que não pára de acontecer (BRITTO, 2008, p. 42)”.

É recorrente que a compreensão de *design* seja associada ao planejamento prévio de um produto ou arte, além de que é criado a partir de uma atividade projetual gerada para solucionar um objetivo específico. Cardoso<sup>3</sup> afirma que a maioria das definições do termo *design*<sup>4</sup> consideram que esse opera “atribuindo forma material a conceitos intelectuais (2004, p.14).”

Rengel<sup>5</sup> (2007), por um viés da biologia e das ciências cognitivas, diz que não há comunicação que prescindia das metáforas. Ela expõe que os modos de procedimento das

---

<sup>2</sup> Fabiana Dultra Britto é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora e coordenadora do Programa de Pós Graduação em Dança da UFBA. Crítica de dança associada à APCA. É curadora independente em dança. Criou e coordenou o projeto mapeamento da dança contemporânea realizado pelo *Rumos Dança-2000* do Itaú Cultural e organizou o livro resultante: "*Cartografia da Dança*".

<sup>3</sup> Rafael Cardoso é PHD em história da arte pela Universidade de Londres (Courtauld Institute of Art) e professor do departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> No Brasil, o design, é um vocábulo de importação relativamente recente e sujeito a confusões e desconfiças. A origem imediata da palavra está na língua inglesa, na qual o substantivo *design* se refere tanto à ideia de plano, desígnio, intenção, quanto à de configuração, arranjo, estrutura (e não apenas por objetos de fabricação humana, pois é perfeitamente aceitável, em inglês, falar do design do universo ou de uma molécula). (Fonte: CARDOSO, 2004).

<sup>5</sup> Lenira Peral Rengel vem desenvolvendo estudos (tese de doutorado) acerca das metáforas. Criou o termo “corponectivo” como proposta de tradução para *embodied*. É Professora Doutora da Escola de Dança da

metáforas são a própria comunicação, enfatizando que esse acontecimento se dá no corpo, e que, portanto, é dotado de fisicalidade, e assim sendo, o corpo se transforma em todas essas relações comunicacionais em que participa. O próprio *design* (do corpo) ocorre por esses procedimentos.

Há algum tempo que a biologia e as ciências cognitivas corroboram com seus estudos, ampliando as possibilidades de compreensão e revelando múltiplas possibilidades de diálogos entre arte e ciência. Entender corpo e dança atuando co-evolutivamente nas trocas relacionais que estabelecem com o ambiente colabora com a compreensão da teoria corpomídia, na qual, o corpo se faz no trânsito, em meio a cruzamentos de informações, pois o corpo não é um recipiente, nem uma tábula rasa na qual as informações podem ser inscritas. O corpo é e troca informações, comunicando-se e relacionando-se com o ambiente do qual faz parte.

A teoria corpomídia, de Katz<sup>6</sup> e Greiner<sup>7</sup>, propõe que “é o movimento que faz do corpo um corpomídia. (KATZ & GREINER, 2005, p.133)”. E é por essa compreensão, nesse fazer em movimento e mediador de comunicação, que se lê “*design*”, no âmbito desta pesquisa. A proposta é pensar que, “quando a dança acontece, ela toma uma forma que é o seu *design*, sem separação temporal entre as instâncias. Não existe primeiro um corpo dançando que, então, vai desenhando no ar a sua dança (KATZ, 2007, p. 201)”. Isso deixa claro que a noção de desenho se faz a partir do movimento e ocorre de forma maleável, enquanto o próprio corpo está construindo a obra /dança.

Na dança, é o corpo que, por processar em movimento, constrói a obra. E sendo este um existente em constante transformação, não pode proceder de outra maneira na instância em que a dança é desenhada. Por isso, o corpo produz movimentos contínuos e inestancáveis de imagens em fluxos ininterruptos, construindo a dança e organizando passo a passo as imbricadas formas e funções deste *design* processual.

A informação não passa pelo corpo, não o atravessa para ser expressa, mas estanca nele, transformando-se nele, e que deste modo, colabora com a feitura permanente de seu *design* (MACHADO, 2007). A dança é uma arte realizada pelo corpo e, a partir das proposições desempenhas por ele, é simultaneamente desenhada e atualizada em processo evolutivo.

---

Universidade Federal da Bahia, na Graduação, Departamento de Práticas e Técnicas Corporais da Pós-graduação, além de ser Coordenadora da Especialização Estudos Contemporâneos em Dança.

<sup>6</sup> Helena Katz é professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Crítica de Dança do Jornal O Estado de São Paulo.

<sup>7</sup> Christine Greiner é professora do Curso de Comunicação e Artes do Corpo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde coordena o Centro de Estudos Orientais.

“Diferentemente de outras artes, na dança, produto (objeto estético) e autor (corpo) ocupam o mesmo espaço-tempo; embora seja resultante da ação do outro, quando a dança é dançada pelo corpo, ambos constituem-se numa mesma materialidade – a dança (BRITTO, 2008, p.26).”

Lembrando que corpo também é pensamento, é preciso concordar que durante a feitura processual do *design* (corpo) não há separação entre dentro e fora, pois um sempre estará implicado no outro, complementando o outro, estruturando-se juntos. Pois, como adverte Damásio<sup>8</sup>, há um equivocado entendimento dicotômico que desintegra mente de corpo, conhecido como dualismo de substância. Nessa perspectiva dualista, o corpo e as suas partes são considerados matéria física, enquanto a mente não é (DAMÁSIO, 2004).

Para Damásio, assim como para este artigo, o corpo não é considerado com essa separação entre fisicalidade e essência<sup>9</sup>. Há fisicalidade em todas as partes, pois as “informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo (KATZ & GREINER, 2005, p.130)”.

Essa abordagem não dicotômica auxilia a compreensão de que os seres são construídos numa relação integrada entre suas formas e funções cujos *designs* se configuram nessa relação de co-dependência. Tratando-se de teoria evolutiva, na perspectiva de Dawkins<sup>10</sup>, bons *designs* são aqueles que tendem a se adaptar e conseqüentemente a permanecer:

“Podemos dizer que o corpo ou órgão vivo tem um bom design quando possui atributos que um engenheiro inteligente e capaz teria inserido nele afim de que cumprisse algum propósito significativo, como voar, nadar, ver, alimentar-se, reproduzir-se... (2001, p.42)”

Porém, o próprio autor, segue sua explanação afirmando que não é necessário supor que o *design* de um corpo ou órgão seja o melhor que um engenheiro possa conceber, já que em muitos casos este “melhor” é facilmente ultrapassado por outro engenheiro, principalmente se forem de

---

<sup>8</sup> Antonio Damásio é um neurocientista português que trabalha nos estudos sobre cognição humana. Atualmente é professor na Neurociência na University of Southern Califórnia.

<sup>9</sup> A essência de algo é a propriedade essencial *individuadora* dessa coisa, o ente se define em seu ser próprio. É um atributo que nunca se altera, por mais que o ente sofra alterações de ordem accidental. Retirado de: dicionário de filosofia on line: (Fonte: <http://www.defnarede.com/e.html>);

<sup>10</sup> Richard Dawkins nasceu no Quênia, atualmente é um influente cientista, estudioso da teoria evolutiva, é etólogo e zoólogo, professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra.

épocas diferentes e contarem, neste caso, com tecnologias diferentes (DAWKINS, 2001). Mas o que vale nessa discussão é que o *design* se apresenta numa constante relação que se constrói entre sua funcionalidade e sua forma, nunca dissociáveis.

O que Dawkins chama atenção nessa comparação com a engenharia é que, na natureza, os *designs* ocorrem por meio de um planejamento “cego”, tendo em vista que a seleção natural não é capaz de prever, planejar, projetar para obter como fim o sucesso das espécies, por exemplo. A seleção natural é processual e a partir de pequenas e graduais transformações os *designs* da natureza são construídos.

Pensando em dança, percebe-se que natureza e cultura nunca deixarão de ser responsáveis pela construção do *design*. A dança é natureza e cultura e se constrói assim. É proposta por corpos que se desenham imbricados também nessas relações – já que a feitura do corpo provém do que é inato junto com o que adquire no ambiente ao longo de suas experiências.

Propõe-se que esta conclusão seja apenas uma introdução para possíveis desdobramentos e reflexões sobre a possibilidade da dança ser entendida como um *design* – que se configura em processo evolutivo, utilizando proposições evolucionistas que dão suporte ao entendimento da dança como processo. A dança emerge aqui como possibilidades relacionais experienciadas pelo corpo, e assim como ele, constrói-se como *design*. Seja no olhar, no mover, no pensar, no falar, ou em qualquer outra ação humana, tudo ocorre no corpo e se faz real. As sensações e imagens são físicas, são ações corpóreas que se desenham de acordo com o contexto experimentado pelo corpo. A ação de dançar também se desenha, igualmente, em relação ao seu contexto, produzindo *designs* diferentes. Na dança contemporânea, há danças contemporâneas, que se desenham em função de cada proposta, de cada corpo que a realiza.

## REFERÊNCIAS

- BRITTO, Fabiana. **Temporalidade em dança: parâmetros para uma história contemporânea**. Belo Horizonte: Fabiana Britto, 2008.
- CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Blucher, 2004.
- DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O relojoeiro cego: a teoria evolutiva contra o desígnio divino**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.
- KATZ, Helena. **Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: Helena Katz, 2005.
- KATZ, Helena. Corpo, Design e evolução. IN: Edith Derdyk (Org.). **Disegno. Desenho. Designio**. São Paulo: Senac: 2007, p.195-205.
- MACHADO, Adriana Bittencourt. **O papel das imagens nos processos de comunicação: ações do corpo, ações no corpo**. 2007. São Paulo. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica.
- PINKER, Steven. **Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RAMACHANDRAN. V.S. **Fantasma no cérebro: uma investigação dos mistérios da mente humana**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.
- RENGEL, Lenira Peral. **Corponectividade: uma proposta para multidisciplinaridade em dança**. 2007. São Paulo. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica.